



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
M O N D L A N E

FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DA EDUCAÇÃO

Factores Sociais da Violência Escolar na Escola Comunitária Armando Emílio Guebuza

Mércia Armino Bene

Maputo, Abril de 2017



FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DA EDUCAÇÃO

Factores Sociais da Violência Escolar na Escola Comunitária Armando Emílio Guebuza

Mércia Armindo Bene

Supervisor:

Prof. Doutor António Cipriano Parafino Gonçalves

Maputo, Abril de 2017

Declaração de Honra

Declaro por minha honra que esta monografia é resultado da minha investigação pessoal e da orientação do meu supervisor e o seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão mencionadas no texto nas notas bibliográficas finais. Declaro, ainda, que este trabalho não foi apresentado em nenhuma outra instituição, para a obtenção de qualquer grau académico.

Mércia Armino Bene

Maputo, Abril de 2017

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus filhos Walber, Waleska e a Wilka. E, em especial, ao meu esposo Amiel Gil Guibunda, pelo amor e confiança que tudo fez para que prosseguisse com os meus estudos, mesmo nos momentos difíceis que a vida me oferecia. Foi com a sua ajuda incondicional que alcancei esta posição. Amo-vos!

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradecer a Deus, pela vida, saúde e protecção.

Os meus agradecimentos vão para os meus pais, Armindo Biosse e Maria Inês Nofre, irmãos e cunhados que, carinhosamente, me apoiaram sempre.

Ao meu supervisor, Prof. Doutor António Cipriano Parafino Gonçalves, pelo incansável apoio e profissionalismo que demonstrou e empreendeu ao longo da orientação deste trabalho.

Agradeço, ainda, aos membros da Escola Comunitária Armando Emílio Guebuza que facultaram o processo de actuação sobre a violência.

Agradecimento especial aos meus docentes que contribuíram para a minha formação.

A minha sogra Joana Guimarães que desde o início deu-me sempre o apoio moral para que eu prosseguisse.

Ao meu cunhado João que incansavelmente contribuiu bastante para a finalização do trabalho.

A todos meus colegas do curso, pelas contribuições que me foram dando durante a formação, em especial a Amélia Mendes pelo companheirismo e apoio prestado durante a formação.

A todos que não citei, mas que directa ou indirectamente ajudaram-me nesta longa caminhada, o meu muito obrigado!

Índice

Declaração de Honra.....	ii
Dedicatória.....	iii
Agradecimentos	iv
Lista de Abreviaturas	vii
Lista de Tabelas	viii
Lista de Figuras.....	ix
Resumo	x
Capítulo I - Introdução.....	1
1.1. Problema.....	4
1.2. Objectivos da pesquisa.....	5
1.2.1. Objectivo geral	5
1.2.2. Objectivos Específicos	5
1.3. Hipóteses	5
1.4. Justificativa.....	5
1.5. Relevância do estudo.....	6
Capítulo II – Revisão da literatura.....	7
2.1. Factores Sociais da Violência Escolar	7
2.2. Violência	7
2.3. Escola	7
2.4. Violência Escolar	8
2.5. Factores sociais e dimensão da violência escolar.....	13
Capítulo III - Metodologia	22
3.1. Descrição do Local de Estudo.....	22

3.2. Abordagem Metodológica.....	22
3.2.1. Pesquisa Qualitativa	22
3.2.2. Pesquisa Quantitativa	23
3.4. Procedimentos de Pesquisa	24
3.4.1. Pesquisa Bibliográfica	25
3.4.2. Estudo de Caso	25
3.5. Técnicas de recolha e análise de dados	25
3.5.1. Entrevista Semi-estruturada.....	26
3.5.2. Questionário.....	26
Capítulo IV – Apresentação e análise dos dados.....	27
4.1. Factores Sociais da Violência Escolar na Escola Comunitária Armando Emílio Guebuza	27
4.2. Análise dos resultados da entrevista realizada com Director pedagógico da ECAEG	27
4.3. Análise dos resultados dos questionários realizados com os alunos da ECAEG.....	29
4.4. Sumário	34
Capítulo V - Conclusões e Recomendações	35
5.1. Conclusões	35
5.2. Recomendações.....	36
Referências Bibliográficas	37
APÊNDICE.....	39
Apêndice I: Inquérito dirigido ao Director pedagógico da escola	40
Apêndice II: Inquérito dirigido aos alunos da Escola sobre a violência e agressividade no meio escolar	42

Lista de Abreviaturas

- AP** - Apêndice
- ART** - Artigo
- ARTs** - Artigos
- ECAEG** - Escola Comunitária Armando Emílio Guebuza
- OMS** - Organização Mundial da Saúde

Lista de Tabelas

Tabela 1: Valores numéricos em relação a pergunta: “Foste vítima de um roubo na escola ou perto da escola nos últimos seis meses?”	29
Tabela 2: Valores numéricos em relação a pergunta: “Quando te chateiam, insultam e ou agredem, quem são essas pessoas?”	29
Tabela 3: Valores numéricos em relação a pergunta: “Sentes-te segura/o na tua escola?”	30
Tabela 4: Valores numéricos em relação a pergunta: “Com quem vives?”	31
Tabela 5: Valores numéricos em relação a pergunta: “Já sofreste algum tipo de violência na Escola?”	31
Tabela 6: Valores numéricos em relação a pergunta: “Em que local da escola foste agredida/o, ameaçada/o e ou insultada/o?”	32
Tabela 7: Valores numéricos em relação a pergunta: “Os professores e outros adultos da escola, separam os alunos quando há uma situação de violência, brigas e ou bullying?”	33

Lista de Figuras

Figura 1: Distribuição dos alunos por sexo	23
Figura 2: Distribuição de alunos da ECAEG por idade.....	24

Resumo

O presente estudo advém da pesquisa sobre os Factores Sociais da Violência Escolar, com a finalidade de perceber quais são os factores sociais associados a violência na Escola Comunitária Armando Emílio Guebuza.

Nesta pesquisa foi usada a abordagem qualitativa e quantitativa, por meio da análise bibliográfica para aferir informações de estudos publicados, inerentes a violência na escola e o estudo de caso, efectuado na Escola Comunitária Armando Emílio Guebuza para colher informações inerentes aos factores da violência escolar. Para a recolha de dados, utilizou-se a entrevista semi-estruturada e o questionário.

Em termos de resultados, esta pesquisa possibilitou a percepção de que a manifestação da violência é vista como associada ao ambiente extra-escolar, o qual promove transformações e influencia de maneira negativa, nas relações intra-escolares, pois nesse espaço, se manifestam os conflitos, os quais são reflexos dos problemas que acontecem no seio da sociedade, inclusive na família, pois muitos dos jovens violentos advém de famílias desestruturadas, se considerarmos que a família é a base da sociedade.

Palavras-chave: Violência; Violência Escolar; Factor Social;

Capítulo I - Introdução

O presente trabalho analisa os factores sociais da violência escolar. A análise é feita tendo em conta o factor social dos alunos, condição que possivelmente possa condicionar o carácter do mesmo no seio académico.

A pesquisa é sobre alunos inseridos na Escola Comunitária Armando Emílio Guebuza, optamos pela escola uma vez que está no seio de bairros onde com muita frequência apresentam características particulares de violência e por ser uma escola explorada na maior parte por alunos oriundos dos mesmos bairros.

A violência envolve factores sociais muito complexos. Os vários sectores da sociedade possuem visões diferentes acerca do tema, o que lhe confere um carácter multiconceitual. Nesse estudo, não se pretende esgotar a discussão de todos os tipos de violência conhecimentos que cercam o fenómeno, mas é de extrema importância abordar alguns de seus aspectos, conceitos e classificações.

O conceito violência, ainda, precisa de uma definição, embora existam inúmeras tentativas por parte de diversos autores. Apreciamos a afirmação de Pirotto (2008), que defende que “*o termo violência significa usar agressividade de forma intencional e excessiva para ameaçar ou cometer algum acto que resulte em acidente, morte ou trauma psicológico.*” Este autor, também, sustenta a violência verbal causa danos morais, que muitas vezes são mais difíceis de esquecer do que os danos físicos.

Em relação a violência escolar na visão do Charlot (2002) na sua obra *A violência na Escola*, podemos perceber que é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e as actividades da instituição escolar e que esta acção contempla os actos exercidos para impor ou obter algo através da força. Trata-se de acções deliberadas que podem causar danos físicos ou psíquicos a outra pessoa. Por outros termos, a violência pode ser descrita por aquilo que está fora do seu estado natural, fora do controlo próprio de quem a exerce.

De acordo com Priotto e Boneti (2008, p. 168), a violência escolar pode ser entendida como uma construção social, que se dá em meio a interacções entre sujeitos no espaço escolar.

Enfatizando a probabilidade da violência como um processo social que compreende tanto relações externas como internas e institucionais, em particular, no que tange às relações sociais entre sujeitos diversos.

Para Oliveira (1997), as causas da violência escolar podem ter origem em factores externos à escola, como violência da sociedade, pobreza, influência dos meios de comunicação, família, falta de limite, (des) organização da sociedade e traços de personalidade do aluno.

Este estudo apoia-se nos trabalhos de vários de autores como Charlot (2002), na sua obra “*A violência na Escola*” onde define a violência na escola como sendo aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligado à natureza e as actividades da instituição escolar: quando um grupo entra na escola para acertar as disputas que são do bairro, a escola é apenas um lugar de uma violência que poderia ter acontecido em qualquer lugar, segundo o mesmo autor defende que a violência na escola está ligada a natureza e as actividades da instituição escolar: quando os alunos provocam um incêndio, batem nos professores ou insultam, eles se entregam a violência que visam directamente a instituição e aqueles que a representam.

Seria, ainda, pertinente distinguir a questão da violência, da agressão e da agressividade. Para Charlot (2002) “*A agressividade é uma disposição bio-psíquico reaccional: a frustração (inevitável quando não podemos viver sob o principio único do prazer) leva a angústia e a agressividade.*” Lorenz (1992) é da opinião que: “*A agressão é um acto que implica brutalidade física ou verbal.*” Neste contexto percebemos que a violência remete a uma característica de acto, enfatiza o uso da força, do poder e da dominação. De certo modo, toda a agressão é violência na medida que usa a força.

Importa indicar que o trabalho desenvolvido por Pirotto (2008) explica que a violência escolar é praticada por diferentes actores, quer seja, por e entre professores, alunos, directores, funcionários, familiares, ex-alunos, pessoas da comunidade, até por, estranhos que se encontram na escola. O autor fundamenta, defendendo, que a violência na escola em alguns episódios deve ser analisada com a violência da escola, exemplo: um aluno agredir ou usar de forças ou não contra o professor, o director ou o funcionário. Por caracterizar uma violência gerada através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam em virtude de regras e normas estabelecidas.

De acordo com Peralva (1997, p. 20) apud Lucinda (1999, p. 32) a violência entre alunos construiu-se em torno de duas lógicas complementares: de um lado, a encenação ritual e lúdica de uma violência verbal e física; de outro, o engajamento pessoal em relações de força, vazias de qualquer conteúdo preciso, excepto o de afundar uma percepção do mundo justamente em termos de relações de força. Nos dois casos, o que está em jogo é a construção e auto-reprodução de uma cultura da violência. A problemática da violência na escola, de certa forma, se reproduz na escola enquanto ambiente que instrui o cidadão para a vida e para o mundo.

Quando se fala do processo de Ensino e Aprendizagem, é indispensável que se foque a questão da integração da família, da Escola e da comunidade, com vista a desencorajar actos de violência. Aliás, violências apresentam-se como espelho do que acontece na sociedade em geral.

A Organização Mundial da Saúde (OMS 1998), percebe a questão da violência como “*a imposição de um grau significativo de dor e sofrimento evitáveis*”. Mas, os especialistas afirmam que o conceito é muito mais amplo e ambíguo do que essa mera constatação de que a violência é a imposição de dor, a agressão cometida por uma pessoa contra outra; mesmo porque a dor é um conceito difícil de ser definido.

O controlo da violência constitui factor primordial para o sucesso da aprendizagem. Segundo Porto e Teixeira (1998, p. 54) “*a violência pode tomar em forma de uma desordem contagiosa, dificilmente controlável*”. No caso concreto da Escola, a interacção com a família e com a comunidade vem plasmado no Manual de Apoio ao conselho da Escola (2005, p. 37), que defende um diálogo aberto e permanente com vista a identificar indivíduos que pratiquem actos que atentam contra a integridade da Escola ou dos alunos.

Para Priotto e Boneti (2008), as agressividades reproduzidas por alunos, podem estar relacionadas ao que eles presenciam ou vivem dentro do convívio doméstico, familiar ou social, mesmo não sendo comportamentos aceitáveis socialmente. O indivíduo que possui comportamentos agressivos na escola, muitas vezes sofre ou presencia actos de violência, pois, geralmente, está cercado por instrumentos e situações que remetem à violência.

1.1. Problema

Em Moçambique, no dia-a-dia, temos nos deparado com tipologias comportamentais que corrompem, de alguma forma, o território da nossa emoção, bloqueiam o curso normal das nossas actividades, tanto ao nível de trabalho como educacional causando frustração, entre outras tipologias comportamentais. Vivenciamos situações de raptos, ataques, estupros, desavenças e conflitos diários com as nossas famílias, vizinhanças, até mesmo com a sociedade no geral, que causam dores e traumas irreparáveis.

No processo de ensino aprendizagem, vivencia-se situações de violência no ambiente escolar, dificuldades de aprendizagem, hiperactividade e défice de atenção, dificuldade de se relacionar ou de lidar com os outros, a timidez na sala de aulas, ansiedade, depressão, entre outros aspectos que colocam, de algum modo, em risco a saúde mental e emocional do aluno. E, muitas vezes, não se tem apercebido da justa causa. Pode, igualmente, proporcionar ao professor estratégias que possam ajudar na prevenção de conflitos e das dificuldades de aprendizagem no processo de ensino aprendizagem. Não só os aspectos anteriormente citados, mas também nas relações interpessoais, *violência*, entre outros que podem dificultar ou perturbar o exercício normal das actividades académicas.

Segundo Silva (2004, p. 21), a violência aparece sob forma de ameaça e de roubo. Entretanto, na prática, e muito concretamente na Escola Comunitária Armando Emílio Guebuza, a partir de uma pesquisa preliminar se tem verificado, que os alunos, particularmente, os mais novos ou ainda os que ingressam pela primeira vez, não raras vezes, são vítimas de agressões por conta dos mais velhos, quer para se apoderarem dos seus lanches escolares, quer para serem os primeiros a se beneficiarem das carteiras, dada a sua exiguidade, o que é prejudicial e é um factor que pode contribuir para o insucesso escolar.

Ao fazer se o estudo deste tema a preocupação levantada foi a seguinte:

- Quais são os factores sociais associados a violência na Escola Comunitária Armando Emílio Guebuza?

1.2. Objectivos da pesquisa

1.2.1. Objectivo geral

- Analisar os factores sociais da violência escolar na Escola Comunitária Armando Emílio Guebuza.

1.2.2. Objectivos Específicos

- Discutir os principais factores sociais da violência nas escolas;
- Apresentar a dimensão e a ocorrência da violência na Escola Comunitária Armando Emílio Guebuza;
- Analisar os factores sociais associados a essa violência no controle da violência escolar na Escola Comunitária Armando Emílio Guebuza.

1.3. Hipóteses

Para responder a questão acima levantada, adianta-se como prováveis respostas as seguintes:

- Acredita-se que a violência escolar seja uma questão social;
- Os conflitos no seio familiar poderão explicar as causas da violência escolar por parte dos alunos.

1.4. Justificativa

O interesse e posteriormente a escolha deste tema surge pelo facto de o processo de ensino e aprendizagem ser indispensável na formação da personalidade, portanto a violência escolar pode constituir um factor negativo no interesse dos alunos desprotegidos dos agressores.

O outro motivo para a abordagem deste trabalho é sobre o papel da Escola, no controlo a violência, e de pretendemos que a escola seja, de facto um lugar para o desenvolvimento de habilidades, de conhecimentos tendo em conta os valores aceites pela sociedade. Aliás a questão da violência é reflexo do que está a acontecer na sociedade, nas famílias e, conseqüentemente, a Escola fazendo parte da comunidade não poderá ficar alheia a este fenómeno.

1.5. Relevância do estudo

A razão que mostra a pertinência do nosso estudo é o facto do comportamento dos alunos no seio escolar apresentarem tendências emocionais e inconsequentes (agressividade) na relação aluno, aluno, assim com os professores. A pertinência reside em segundo plano na necessidade de potencial os futuros investigadores no estudo sobre a violência escolar a dar resposta sobre a prevenção da violência escolar. Ao fazer-se este estudo, espera-se que ele venha a contribuir para a compreensão dos motivos que levam os alunos a cometerem os actos de violência.

Assim sendo, o trabalho estrutura-se em cinco capítulos: No *primeiro capítulo* apresenta-se a introdução que inclui, entre outros aspectos, a problema de pesquisa, os objectivos de pesquisa, a justificativa e a relevância do estudo.

No *segundo capítulo*, faz-se a revisão da literatura, onde buscou-se identificar as causas da violência escolar, a partir de uma análise aprofundada da violência escolar, pertencente às diferentes abordagens teóricas.

No *terceiro capítulo*, descreve-se a metodologia, caracteriza-se o local de estudo, os métodos de abordagem, a amostragem e as técnicas de recolha e análise de dados.

No *quarto capítulo*, procede-se a análise e interpretação de dados os resultados da pesquisa e aponta-se possíveis soluções para o problema da violência escolar, onde constatamos que tanto a família como a escola podem estabelecer regras para evitar a violência escolar.

E, no *quinto e último capítulo*, tecem-se as conclusões do estudo e as recomendações para possíveis soluções do problema da violência escolar.

Capítulo II – Revisão da literatura

2.1. Factores Sociais da Violência Escolar

Neste capítulo apresenta-se a revisão da literatura referente às diferentes abordagens teóricas sobre as discussões e conclusões em torno dos factores sociais da violência escolar e os comentários baseados nos estudos realizados por autores que nele se referenciam.

2.2. Violência

De acordo com Lazarine (2011, p. 11), a violência pode ser descrita de diversas formas, mas num sentido restrito, pode ser definida como uma ruptura brusca da harmonia num determinado contexto, podendo ser sob a forma de utilização da força física, psíquica, moral, ameaçando ou atemorizando os outros. Neste sentido, a violência significa obrigar a fazer algo, utilizando a força, a coagir alguém.

Para Rosa (2010, p. 145), a violência no ambiente escolar é um problema complexo e sua resolução requer a participação efectiva de todos os envolvidos: professores, alunos, gestores, comunidade escolar, família e sociedade. Na actualidade, a terminologia violência tem repercutido no meio mediático com frequência e soado como sendo uma atitude normal.

Segundo Abramovay (2009, p. 7) a violência nas escolas constitui um fenómeno preocupante, por conta dos efeitos que tem sobre aqueles que a praticam, os que sofrem e os que testemunham, além de contribuir para a retirada da escola a sua condição de lugar de amizade, de prazer, da busca de conhecer e de aprender.

2.3. Escola

Abramovay (2009, p. 8) refere que a escola é considerada como uma instituição privilegiada para a formação de crianças, adolescentes e jovens, como já dissemos acima para fazer amigos e também para aprender. No entanto, em muitos casos, a escola possui seus próprios mecanismos de exclusão e selecção social, escolhendo alguns e colocando para fora outros. Esses “outros”, em geral, são os que não conseguem responder às expectativas quanto à aprendizagem, ao comportamento e ao relacionamento com os integrantes da comunidade escolar.

Para o autor acima citado existem, nesse contexto, diferentes tipos de violências que afectam o quotidiano das escolas, prejudicando crianças, adolescentes, jovens e o corpo técnico-pedagógico, impedindo as escolas de realizarem a sua principal função social, que é ensinar. Desse modo, essas questões têm efeito directo sobre a qualidade do ensino, a vida dos alunos, dos professores e dos pais.

Compreende-se, assim, que é preciso buscar estratégias de superação dos problemas, criando um ambiente em que a comunidade escolar (alunos, professores, directores, demais funcionários e comunidade) se sintam pertencentes àquele universo, restabelecendo vínculos e relacionamentos positivos, sem a perda de sua forma de ser.

2.4. Violência Escolar

Da leitura e análise das obras de diversos autores, constatamos que há um consenso em relação ao que se entende por violência, pois, o acto de violência está associado a actos de agressão no sentido de impor o domínio sobre o lesado e que também deixa sérias consequências psicológicas e emocionais para o lesado, por conta disso, deve ser combatido no meio escolar.

No estudo realizado por Maria et al (2001, p. 18) que fundamenta a questão da violência, defende que as *“acções caracterizadas como manifestações abarcam frequentemente uma gama grande de comportamentos”* e em relação a violência percebem como *criminalidade e/ou agressão física*”. Nesta perspectiva, a violência está intimamente unida a coacção e ao uso da força no plano físico moral. Uma outra aproximação a este termo é a que apresenta Dicionário do Pensamento Marxista (1988, p. 1291):

“Por violência entende-se a intervenção física do indivíduo ou grupo contra outro indivíduo (ou também contra o mesmo). Para que haja violência é preciso que a intervenção física seja voluntária (...). A intervenção física, na qual a violência tem por finalidade destruir, ofender e coagir (...) a violência pode ser directa ou indirecta. É directa quando atinge de maneira imediata o corpo de quem sofre. É indirecta quando opera através de uma alteração do ambiente físico no qual a vítima se encontra (...) ou através da destruição, da danificação ou da subtracção dos recursos materiais. Em ambos os casos, o resultado é o mesmo: uma modificação prejudicial do estado físico do indivíduo ou do grupo que é alvo da acção violenta.”

Para perceber ainda mais a questão da violência escolar, utilizaremos como referência fundamental a contribuição de Jurandir Freire Costa (1991), ao afirmar que:

“Violência é o emprego desejado de agressão com fins destrutivos. Agressão física, brigas, conflitos podem ser expressões de agressividade humana, mas não necessariamente expressões de violência. Na violência a acção é traduzida como violenta pela vítima, pelo agente ou pelo observador. A violência ocorre quando há desejo de destruição.”

Segundo o website www.conceitodaviolenciaescolar acessado em 25 de Janeiro de 2017 “a questão da violência é percebida como actos que exercem para impor ou obter algo através da força, trata-se de acções deliberadas que podem causar danos físicos ou psíquicos a outra pessoa.” A questão da violência escolar devemos perceber que está associada a vários actos de violência, neste âmbito é bastante pertinente fazermos uma abordagem, isto é, uma análise do *bullying*/agressividade uma vez que está fortemente associada a violência e para esta questão iremos recorrer a obra de Beatriz (2008, p. 16) na qual defende que:

“Agressividade/bullying o que a literatura refere por comportamentos agressivos de intimidação e que apresenta um conjunto de características comuns, entre as quais se identificam várias estratégias de intimidação do outro e que resultam em práticas violentas exercidas por um individuo ou por pequenos grupos, com carácter regular e frequente. No conceito de bullying está contida agressão individual e em grupo.”

Ao longo do estudo sobre a relação da violência debatemo-nos com duas correntes explicativas da agressividade ou modelos explicativos, por exemplo, *o modelo psicanalítico* (Freud 1920) citado pela Beatriz (2008, p. 9) que “*considera a agressividade como uma componente inata, que leva o indivíduo a comportar-se um certo grau de violência contra os semelhantes*” na mesma ordem de ideia (Freud 1920) “*explica o conceito de agressão numa teoria psicológica de pulsões cuja força leva a conduta diversificada, traduzidas em condutas motrizes variadas com acções motrizes violentas, destruidoras e negativas*”. E a corrente *etológica* de Lorenz (1992) citado pela Beatriz (2008, p. 9) ao “*explicar sobre a natureza inata, adaptativa da agressividade animal. Neste modelo etológico os padrões de conduta de ataque e defesa, ameaça e medo constituíam um sistema de hostilidade destinado a defesa pessoal, do seu território e dos direitos pessoais*”. Nesse âmbito, Lorenz (1992) assinala três funções do comportamento agressivo, nomeadamente:

- a) a repartição dos seres vivos no espaço disponível;
- b) selecção efectuada pelos combates entre rivais; e
- c) defesa da proíbe.

2.4.1. Tipos de Violência no Espaço Escolar

De acordo com Reduit (2005, p. 144), a violência no espaço escolar parece ser construída a partir de um conjunto de factores que deve ser examinados, quais sejam: as políticas pedagógicas (factor endógeno à escola), os valores familiares (factor exógeno à escola) e os valores dos grupos de referência dos alunos (factor transversal à escola).

Para compreender e explicar o fenómeno das diversas violências nas escolas convém recorrer a aspectos tanto relativos ao interior, quanto ao exterior das escolas; como características das vítimas e dos agressores assim como as diferentes instituições e ambientes pelos quais os estudantes circulam.

De acordo com Abramovay e Rua (2003, p. 23), entre os aspectos externos (chamados pelos especialistas de variáveis exógenas), é preciso levar em conta, por exemplo:

- questões de género (masculinidade/feminilidade);
- relações raciais (racismo, xenofobia);
- situações familiares (características sociais das famílias);
- influência dos meios de comunicação (rádio, TV, revistas, jornais etc.);
- espaço social das escolas (o bairro, a sociedade).

Ainda para o autor acima citado, entre os aspectos internos (chamados de variáveis endógenas), deve-se levar em consideração:

- a idade e a série ou nível de escolaridade dos estudantes;
- as regras e a disciplina dos projectos pedagógicos das escolas, assim como o impacto do sistema de punições;
- o comportamento dos professores em relação aos alunos e à prática educacional em geral.

Para identificar variáveis ou factores comumente inter-relacionados com as violências nas escolas, percorrem-se diversas outras relações e processos sociais.

Reduit (2005, p. 144) defende que se a escola não possuísse uma *política pedagógica* que impedisse a entrada de acções violentas ou não conseguisse demonstrar que é possível uma forma alternativa às acções violentas de relacionamento, poderia ser permeável uma forma alternativa às violentas de relacionamento, poderia ser permeável a práticas de violência construídas fora da Instituição, quer seja na família, quer seja nos grupos de referência.

A *família* cujos valores incluam as práticas de violência na forma de se relacionar poderia ensinar seus filhos a utilizarem tal recurso nos seus relacionamentos na escola.

Os *grupos de amizade (ou de referência)* que utilizassem práticas de violência como parte de sua sociabilidade estariam também construindo no jovem a ideia ou o valor moral da utilização da violência como meio legítimo de relacionar-se.

Para Reduit (2005, p. 147), os grupos de amizade não devem ser encarados como condicionantes directas das práticas de violência interpessoal na escola. Mas elas devem ser analisadas no sentido de compreender os valores ali permeados se coincidem ou não com os valores das famílias.

São muitos os tipos de violências analisadas e considerados comuns por diversos autores nos grupos de amizade. O olhar recai sobre *gangues*, xenofobia e *bullying*. Este último é tido como o principal tipo de violência entre grupos de referência.

Debarbieux citado em Reduit (2005, p. 17) sustenta que o *bullying* compreende aquelas intimidações exercidas de forma quotidiana entre os alunos. É também uma intimidação que faz uso contínuo de um abuso de poder agressivo e sistemático.

É importante realçar que o *bullying* adquire diversas formas, algumas mais cruéis do que outras, dependendo de muitos factores. O estudo sobre agressividade na escola tem visado o mau trato pessoal, a intimidação psicológica e o isolamento social entre pares, crianças ou jovens. Trata-se de situações em que um ou vários alunos decidem agredir injustamente outro colega e o submetem, por período prolongado, a uma ou várias formas de agressão: a agressão corporal, o extorquir dinheiro ou ameaças. É praticado sobre crianças ou jovens mais inseguros, mais fáceis de amedrontar e/ ou que têm dificuldade em se defenderem ou pedir ajuda. Para estes alunos, ir a escola, em particular, nos recreios, é um drama. No recreio, deixa de existir o controlo do professor, ficando mais expostos as investidas dos agressores. Alguns destes alunos são bons alunos tendo o apoio do professor muitas vezes de formas indirecta questionando-o sobre a

matéria, querendo contar algo que se passou em casa, procurando com a pertinência do professor na sala de aulas, usufruir de protecção e não ser ameaçado.

Alguns destes alunos procuram recantos do recreio onde há menor número de crianças, por terem dificuldade de se integrarem em um grupo. Estas atitudes, que visam uma certa defesa pessoal, acabam por ter o efeito oposto, pois ficam mais longe da vigilância de um funcionário. Procurando protecção nos espaços calmos, podem encontrar quem os agrida, sem ninguém a quem correr para pedir ajuda. Estas agressões são com frequência mais graves. Os agressores agem a vontade, pois não haverá testemunhos da ocorrência e nenhuma criança ou adulto virá ajudar. O objectivo é amedrontar a vítima para garantir que esta não conte a ninguém.

Segundo Jenny (2007, p. 23) “*muitas crianças estão confusas sobre o que é bullying. Podem queixar-se que estão a ser ofendidas porque alguém irrompeu contra elas no corredor ou um amigo lhes disse alguma coisa desagradável durante uma alteração.*” Portanto, é de extrema importância perceber que os dois elementos que definem o *bullying* são o facto de ser persistente e deliberadamente feito para magoar. Se alguém, repetidamente, tenta magoar ou ofender outra pessoa de alguma forma, pode-se assumir que isto é *bullying*. Segundo Pereira (1997) na sua obra Estudo e prevenção do *bullying* no contexto escolar defende que há dois principais tipos de *bullying* físico e não físico. Onde destaca que, *bullying* físico inclui dar pontapés, bater, empurrar, cuspir, destruir, propriedade, roubar e apanhados de bofetadas. Na mesma visão do autor existe o *bullying* não físico, que inclui gozar e chamar nomes, que correspondem a 80% dos casos relatados de *bullying*. Se bem que os que são alvos de troças possam vivenciar a situação como extremamente maliciosas, podem parecer trivial para algumas crianças, que genuinamente pensem que estão, apenas, a divertir-se, e ficando depois muito chocadas ao descobrir quanto sofrimento causaram. No entanto, o *bullying* não físico também inclui ofender e deixar de baixo, de forma maldosa, como no caso de fazer ameaças, começar e alastrar rumores, isolar e excluir do grupo e um conjunto de outras actividades envolvendo novas tecnologias tais como:

- Mensagens de texto abusadoras e telefonemas silenciosos.
- Mensagem do tipo falsas enviadas no nome da pessoa que está a ser alvo.
- Mensagens anónimas enviadas para telemóveis com *Bluetooth*.

- *Bullying* em blog-comentários abusivos incluídos no weblog do agressor ou e-mails abusivos enviados para os weblogs das vítimas, uma das vertentes mais trabalhadas nos estudos sobre a violência é, sem dúvida, a sua relação com as desigualdades sociais. No entanto, não se pode afirmar que a pobreza constituía o único factor explicativo da violência na sociedade. A pobreza isoladamente não explica a perda de referências éticas que sustentem as interações entre grupos e indivíduos.

2.5. Factores sociais e dimensão da violência escolar

Actualmente, temos percebido que a escola tem vivenciado um momento crítico em relação a violência, como agressão verbal, física, o vandalismo entre outras ocorrências. Muitos profissionais da educação se vêm de mãos atadas mediante essa problemática. Reflectir sobre a escola tendo em conta a importância fundamental da prevenção, demonstra a preocupação dos adultos com os perigos que os jovens enfrentam hoje em dia, numa escola que reflectindo no seu meio envolvente parece tornar-se mais agressiva a cada dia que passa. É no sentido de prevenção que surge o projecto de investigação, como forma de apoio de professores e educadores.

A escola é fundamental para o pleno desenvolvimento do indivíduo, devendo ser um dos contextos sociais que estimule as habilidades intelectuais, as habilidades sociais e a absorção crítica dos conhecimentos produzidos na nossa sociedade. A escola deve ser importante no tempo presente e no tempo futuro, sendo referência para o aluno de um local seguro, prazeroso e no qual ele pode se conhecer, conhecer aos seus próximos e a sociedade em que vive, projectando como quer actuar no mundo.

Enquanto instituição de escolarização formal a escola deve ser defendida, os transformadores, que possam retornar a sociedade o desejo e os meios para a construção de uma sociedade mais igualitária. Decorrido brevemente a respeito da importância social da escola, fica mais evidente o quanto é importante estudar a violência escolar e delimitar, de forma mais precisa, o que seja esse problema.

Existe algumas esferas que contribuem para a formação e desenvolvimento do indivíduo, como a família, a sociedade e a escola. Partindo dessa concepção analisaremos e avaliaremos até que ponto essas esferas são responsáveis pelo mau comportamento dos alunos.

Devido a problemática da violência escolar, existem vários pensamentos de senso comum e até linhas de pesquisas que procuram respostas do porque nesses últimos tempos a violência tem tomado uma proporção significativa no espaço em que deveria ser um lugar privilegiado para o ensino e aprendizagem.

Para Lazarine (2011, p. 12), as causas da violência podem ser:

2.5.1. A Família

Neste núcleo social, as crianças e jovens têm início à sua formação de conduta que irão ser exteriorizadas. A pobreza, violência doméstica, alcoolismo, promiscuidade, desagregação dos casais, ausência de valores, etc., são as principais causas que deterioram o ambiente familiar. Uma criança que vive num meio onde apresentam todos esses fenômenos, estará sujeito ou será alvo de violência.

Segundo Lazarine (2011, p. 10), o Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI reforça que: “*a família constitui o primeiro lugar de toda e qualquer educação e assegura, por isso, a ligação entre o afectivo e o cognitivo, assim como a transmissão dos valores e normas.*”

A família apresenta-se assim, como um Actor de relevância, por ser um espaço no qual as acções violentas podem ser naturalizadas ou não. O padrão de valores construído no indivíduo será então transportado para a escola ou outros locais (Redit, 2005, p. 147).

Hayden e Blaya (2002) citados em Redit (2005, p. 147), defendem que os alunos que cometem violência interpessoal na escola são em geral, vítimas de violência doméstica.

A violência como relação de sociabilidade presente na [...] as quais se manifestam como normalidade no quotidiano dos alunos e de suas famílias e, por este entendimento, esta violência doméstica se transfere para o espaço escolar (Dos Santos, 2001, citado em Redit, 2005, p. 146)

De acordo com os pesquisadores Dessen e Polonia (2007) a família é fundamental para o desenvolvimento físico, intelectual e emocional do indivíduo, ela porém pode inibir e influenciar negativamente o seu desenvolvimento. Córdula (2001) salienta que quando as crianças internalizam e exteriorizam todas as informações a sua volta, por exemplo, se ela vive num ambiente agressivo ela vai internalizar essas informações e vai exteriorizar tendo atitudes de agressividade.

Sabemos que o aluno passa boa parte do seu dia na escola, onde as relações com os colegas, pessoal docente e não docente e o próprio espaço envolvente são fundamentais para o seu futuro. É no recreio que as relações entre pares são mais livres e espontâneas e os alunos fazem aprendizagens tão importante como as da sala de aulas. Por outro lado, o recreio/tempo em que se registam mais conflitos entre os alunos, os quais se reflectem na sala e podem influenciar os futuros adultos. Tendo em conta que a vitimação das crianças influencia a sua adaptação à escola e pode ter efeitos a longo e a curto prazo, é cada vez mais importante a intervenção no sentido de prevenção, pois esta é sempre a melhor solução para os problemas presentes e futuros.

Os factores escolares são os espaços/tempo por excelência do tempo livre dos alunos onde os amigos e as actividades a realizar são escolhidas sem influência directa dos adultos. Mas, é o apoio e atenção dos adultos, ou a sua falta, que podem fazer o recreio um espaço de prazer ou de terror, de liberdade e respeito ou de opressão e agressividade, de alegria ou de tristeza e solidão.

2.5.2. Os alunos

Diante do exposto no *item* “Família”, muitas vezes a problemática da violência não se centra na educação e sim no ambiente familiar. Segundo Lazarine (2011, p. 12), a grande questão é que muitas escolas tentam resolver os problemas para os quais não estão preparadas e que não são da sua competência, como a questão social da família dos alunos. Na verdade, todos os alunos são potencialmente violentos, sendo a escola sentida como uma imposição por parte da família ou do Estado. Isso se dá pelo facto dessa imposição familiar ou estatal ao aluno e este, passa a enxergar as aulas como um local de constrangimento e de repressão de desejos. Alguns alunos, ainda um tanto quanto repressivos, permanecem na escola sem fazerem grandes distúrbios. Outros se revoltam, criticam a imposição das normas estabelecidas, da autoridade e submissão aos professores.

2.5.3. Grupos de amigos/grupos de referência

Lazarine (2011, p. 13), destaca que tal formação de grupos influenciam certos comportamentos que os adolescentes demonstram, sendo o resultado de processos de imitação de outros membros do grupo. Alguns alunos ou jovens procuram obter respeito e prestígio pela

restante comunidade escolar e, para isso promovem certas manifestações públicas de violência. Isso se dá pelo facto dos grupos familiares estarem cada vez mais desagregados, abrindo-se um vazio que será preenchido por estes grupos ou turmas formados a partir de interesses e motivações diversas.

2.5.4. A escola

Não é de hoje que há alunos com menos capacidades intelectuais do que outros, porém, esses alunos são esquecidos no fundo das salas de aula, criando focos de revoltas por parte de alguns que se sentem largados, se sentem marginalizados. A escola de hoje, que se auto-intitula de inclusiva, não o é de facto.

Lazarine (2011, p. 13), elucida que a questão da violência escolar, deve ser amplamente discutido visando minimizar a gravidade dos factos que levam a este tipo de violência. Alguns factos são divulgados pela mídia, mas outros nem chegam ao conhecimento da sociedade. Muitas famílias preferem que as escolas omitam os acontecimentos violentos que envolvem seus filhos, que os mesmos não sejam divulgados na mídia, geralmente isso acontece nas escolas privadas. Já no âmbito da escola pública, é mais comum a divulgação, até porque, o Governo é em parte responsável por aquilo que acontece dentro da escola, tendo a obrigação de comunicar a família e sociedade as ocorrências que envolvem violência. A complexidade em que os factos acontecem, envolvendo motivos fúteis, banais, é cada vez mais comum.

Vale ressaltar que a violência na escola não está restrita aos jovens, ela ocorre, também, entre professores, e com o próprio ambiente, sendo esses o alvo de revoltas lideradas pelos estudantes individualmente ou em grupos. Isso acontece, porque além de não concordarem com alguns métodos de ensino e disciplinares adoptados por professores e pela escola, querem ser aceites nas suas diferenças, incluindo o modismo a que estão sujeitos a todo momento.

Diante do que foi visto e da reflexão realizada, percebe-se que está no diálogo o maior meio de prevenir a violência no ambiente escolar, que deve acontecer em casa e na escola, nos grupos de ajuda e de conscientização do papel da família e da educação, é essa união que pode contribuir positivamente para a redução do problema, beneficiando toda a sociedade. Estabelecem uma norma de grupo, onde aquele que consegue intimidar o outro, é considerado mais forte, mais poderoso. O *bullyng* é um dos motivos mais presentes que levam a violência na

escola, até porque, o *bullying* em si já representa uma forma de violência, seja qual for a atitude do agressor. Vale ressaltar que a violência na escola não está restrita aos jovens, ela acontece também entre professores, e com o próprio ambiente, sendo esses o alvo de revoltas lideradas pelos estudantes individualmente ou em grupos.

Está bem claro ao longo do trabalho ficou evidente que alunos de baixa auto-estima têm relacionamentos mais difíceis na escola, colocando-se mais frequentemente na posição de vítima de violência. Têm, ainda, mais dificuldade de se sentir bem nesse espaço, configurando um perfil de aluno que merece ser priorizado nas práticas educativas.

Este trabalho não responde a nenhuma prerrogativa de causalidade, todavia é fundamental entender que o aluno com baixa auto-estima parece ser mais vulnerável as diversas formas de violência, vividas intra e ou extramuros da escola (Assis et al., 2004).

Sobre a escola recai a grande obrigação de socialização de crianças e adolescentes, provenientes de diversos ambientes e distintos hábitos e atitude.

Lara (2001) defende que neste cenário é *mister* pensar em uma estratégia preventiva e de combate a violência escolar. Quase sempre a perspectiva de um trabalho de prevenção na escola acontece motivado por situações emergenciais, o que favorece a distorção dos legítimos objectivos da prevenção como prática social institucionalizada.

Diante das situações de violência, a escola adota medidas repressivas o que não soluciona o problema substancialmente a longo prazo. A auto-estima poderá ser trabalhada para que o aluno tenha uma visão melhor de si. Esse enfoque poderá diminuir o conflito tanto na escola quanto na família, já que possibilita que o aluno lide, mais facilmente, com as mudanças que tem de enfrentar, em especial, na fase da adolescência. Além disso, favorece o respeito ao espaço dos colegas, da família, dos professores e dos outros indivíduos que fazem parte da sua vida. Enfrentar a violência requer iniciativa em vários níveis e de diferentes complexidades. Uma das acções que a escola deve investir é o exercício do bom relacionamento e cultivo da paz no ambiente.

O fenómeno da violência esta presente entre as pessoas em todos os lugares e que atinge todas as classes sociais. A violência está de tal modo enraizado no homem moderno, que se pode deixar de reconhecer que é fenómeno típico da nossa época, sempre presente e com mais variadas faces. Seu crescimento se dá na mesma proporção que diminui as oportunidades de qualidade de vida, incluindo as condições básicas.

No âmbito escolar, aqui abordado com veemência, a manifestação da violência se torna cada vez mais frequente entre os jovens. Tal fenómeno, no âmbito desse trabalho, foi considerado como associado ao ambiente extra-escolar, o qual promove transformações e influencia de maneira negativa, nas relações intra-escolares, pois nesse espaço, se manifestam os conflitos, os quais são reflexos dos problemas que acontecem no seio da sociedade, inclusive na família, pois muitos dos jovens violentos advêm de famílias desestruturadas, se considerarmos que a família é a base da sociedade.

Dessa forma, as abordagens em torno do tema foram orientadas no sentido de contribuir para uma tomada de consciência, de reflexão, sobre o que pode ser feito, sobre a complexidade que o fenómeno constitui, bem como para amenizar a violência, promovendo o conhecimento de factos até então desconhecidos. Nessa perspectiva constatou-se a necessidade de se trabalhar com a comunidade, a família, e a escola de forma sintonizada, interagir forças acreditando na possibilidade de oferecer aos alunos a oportunidade de desenvolverem as suas potencialidades de maneira tranquila e saudável, para o bem-estar de todos.

Embora, neste trabalho tenhamos elencando em categorias a análise dos discursos discentes e docentes, cabe ressaltar que o sentido das falas se entrecruza intensivamente. Portanto, quando o sujeito discursa sobre a percepção que tem de si, está a falar também de como o outro é percebido, bem como dos efeitos destas relações, o que significa dizer que as diversas práticas aqui analisadas não podem ser concebidas como autoria autónomas, mas sim institucional.

Por uma questão de tempo e de operacionalização da pesquisa, os lugares docentes e discentes foram identificados de forma polarizada, o que resultou numa certa falta de mobilidade legitimadora dos papéis estereotipados do professor normalizador e do aluno normatizado.

Entretanto, constatou-se que o controle é mútuo, havendo assim uma regulação das condutas de ambos. A disciplinarização, como viés moralizante e/ou psicologizante, parece ser o plano de fundo da acção pedagógica, substituindo o compromisso com saberes científicos, que deixou de ser objectivo fundamental. Embora pareça haver consciência de que haja um certo fracasso no cumprimento das funções atribuídas pelos professores e a si próprio, aos alunos e a escola, os dispositivos utilizados contribuem para que esta situação se mantenha.

Desta forma, a indisciplina/violência considerada como grande mal que abala os pilares da escola, parece se retroalimentar, já que clientela agentes e agentes tornaram-se presos em seus papéis-atitudes. Numa proporção bem menor, a raiz da indisciplina também é concebida como consequência de carência afectiva. As soluções apresentadas para colmatar este mal possuem carácter exógeno, encaminhamento de alguns casos, em que admite a intervenção de especialistas e até da polícia. Diante da complexidade da trama das relações institucionais referente as questões relacionadas ao fenómeno da indisciplina/violência escolar, concluímos que os olhares e as acções devem voltar-se para as relações institucionais/instituídas.

Com o objectivo de viabilizar a criação de dispositivos coerentes com cada realidade institucional. É, sem dúvida, um caminho bastante, árido, mas, talvez, viável para a busca de alternativa para o cenário tão desgastado da educação. Nesta nova, perspectiva, a escola poderá deixar de priorizar seus próprios investimentos na esfera tutelar para investir e apropriar-se de meios que potencializem a geração dos sonhos e esperança de vida.

Durante as análises desenvolvidas neste texto, percebe-se que os conceitos de violência descrevem-na como um fenómeno essencialmente humano, construído histórica e culturalmente pelas civilizações, permeada em suas modulações, tanto por factores psicológicos como sociais e culturais.

Assim, nas classificações apresentadas, a definição do termo violência escolar torna-se abrangente em relação das normalmente são apresentadas, em grande parte dos escritos sobre a questão pelo facto de fazer uma diferenciação entre a violência na escola, a violência da escola e a violência contra a escola. Isto é, constata-se que, a partir dos dados pesquisado por Priotto (2008), a violência na escola surge de problemas que acometem o dia-a-dia da escola e que

muitos não podem ser resolvidos, sem que se busque por soluções colectivamente, ou seja, faz-se necessário a presença e a participação efectiva do professor, dos funcionários, dos pais e dos alunos, da direcção e dos líderes da comunidade, nas discussões acerca dos caminhos a serem traçados na solução destes problemas. Constata-se assim, que a violência escolar apresenta formas e características diferentes a escola, agindo não apenas na vítima, mas também como produtora de violência, mesmo assim, observa-se que na fala dos entrevistados, através de pesquisas realizados por Priotto (2008), apenas uma minoria de professores admite que a escola produz violência, salientando que as causas que contribuem para o aumento da violência escolar são problemas que o aluno traz de casa.

Para estes professores, a escola está para ensinar quem quer aprender, quem não quer, gera violência, e que a escola se constitui o local onde ocorrem as violências geradas por problemas familiares. Tal conclusão, reduz e exclui a escola e demais membros desta de qualquer responsabilidade sobre a produção da violência, o que contraria as evidências dos dados analisados ao longo deste texto. Este estudo não tem a pretensão de apresentar uma conclusão definitiva sobre a questão, mas, antes de tudo apresentar questões novas para um debate sobre esta problemática que tanto angustia a sociedade, como um todo.

A violência escolar se expressa através dos seguintes eventos: violência física, agressão física, violência simbólica e violência verbal, incluído o *bullying*. A violência na escola caracteriza-se dentro do espaço escolar, mas não está ligada à natureza e as actividades da instituição escolar quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em outro local.

No entanto, há autores que consideram essa categorização um tanto restrita e insuficiente. Essa proposta de classificação de violência nas escolas ajuda a compreender o fenómeno na medida em que considera manifestações de várias ordens. Contudo, mostra-se insuficiente para compreender certos tipos de manifestações que ocorrem dentro dos estabelecimentos de ensino e que estão relacionadas a problemas internos de funcionamento, de organização e de relacionamento. Entretanto, a concepção trazida por Charlot (2007) não leva em consideração algumas ocorrências violentas frequentes dentro da instituição escolar como, por exemplo, as brigas, discussões e agressões entre alunos na sala, no pátio, na porta da escola e no recreio.

No que diz respeito à violência na escola, Priotto (2008) explica que esta se caracteriza por diversas manifestações que acontecem no quotidiano da escola, praticadas por e entre professores, alunos, directores, funcionários, familiares, ex-alunos, pessoas da comunidade e estranhos. Caracterizam-se como actos ou acções de violência: Física – contra o (s) outro (s) ou contra o grupo, contra si próprio [...]. Incivilidades – desacato, palavras grosseiras, indelicadeza, humilhações, falta de respeito, intimidação ou *bullying*.

Segundo Priotto e Boneti (2008, p. 168), a violência escolar pode ser entendida como uma construção social, que se dá em meio a interacções entre sujeitos no espaço escolar. Enfatizando a probabilidade da violência como um processo social que compreende tanto relações externas como internas, e institucionais, em particular, no que tange às relações sociais entre sujeitos diversos.

Por último, as desigualdades presentes no campo social apresentam-se na escola sob a forma de reprovações, sucessão e abandonos e retornos e, por fim, a exclusão definitiva. Está formado, assim, o ciclo das desigualdades: baixa escolaridade, falta de qualificação profissional, falta de emprego. Tornando-os vulneráveis socialmente.

Capítulo III - Metodologia

Neste capítulo apresentamos a metodologia que conduziu o presente trabalho, nele foi apresentado a descrição do local do estudo, tipos de pesquisa, amostragem, e as técnicas e instrumentos de colecta e análise de dados.

3.1. Descrição do Local de Estudo

O trabalho foi realizado no Município de Maputo, nos distritos Municipais: Ka Chamanculo, na Escola Comunitária Armando Emílio Guebuza (ECAEG), localizada do bairro de Chamanculo, Rua Estácio Dias, na periferia da cidade.

Assim, a ECAEG lecciona o Iº e IIº graus do Sistema Geral de Ensino em Moçambique. E tem no seu quadro de pessoal docente 42 professores, dos quais 29 são do sexo masculino e 13 do sexo feminino.

Tem cerca de 1424 alunos do 1º Ciclo (8ª a 10ª Classes); dos quais 532 são do sexo masculino e 894 do sexo feminino; 1142 alunos pertencentes ao 2º Ciclo (11ª e 12ª Classes), divididos em 465 do sexo masculino e 677 do sexo feminino, respectivamente.

A Escola compreende um pátio com jardim e com corredores de circulação. Referente ao portão principal, que dá acesso ao parque e dispõe de algum jardim e bancos para o repouso dos alunos, a escola tem, ao pé do parque, um bloco administrativo, sala dos professores, gabinete do director adjunto pedagógico, secretaria, lanchonete e uma reprografia, além de um campo para o futebol 11.

(Fonte: Direcção da ECAEG).

3.2. Abordagem Metodológica

Para o presente estudo foi usada a pesquisa qualitativa e quantitativa, de modo a responder os objectivos e o problema previamente estabelecidos.

3.2.1. Pesquisa Qualitativa

Segundo Triviños (1987) citado por Oliveira (2011, p. 24), a abordagem de cunho qualitativo trabalha os dados buscando seu significado, tendo como base a percepção do fenómeno dentro do seu contexto.

O uso da descrição qualitativa procura captar não só a aparência do fenómeno como também suas essências, procurando explicar sua origem, relações e mudanças, e tentando intuir as consequências.

3.2.2. Pesquisa Quantitativa

Para Mattar (2001) citado por Oliveira (2011), a pesquisa quantitativa busca a validação das hipóteses mediante a utilização de dados estruturados, estatísticos, com análise de um grande número de casos representativos, recomendando um curso final da acção.

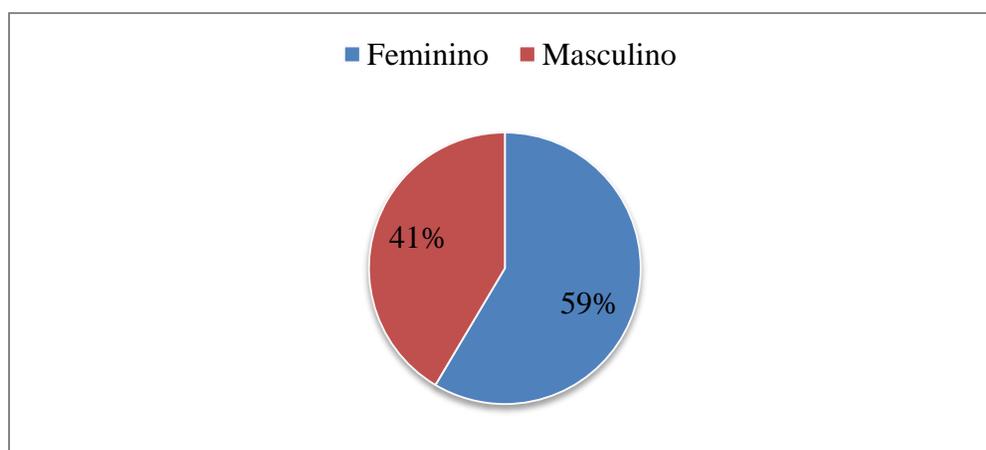
O uso das abordagens quantitativa-qualitativa foi para melhor compreender as questões inerentes aos factores sociais da violência escolar na ECAEG.

3.3. Amostragem

A amostra deste estudo foi constituída pelo Director pedagógico e por 82 alunos da ECAEG.

O nosso entrevistado (Director pedagógico do 1º Ciclo) é do sexo masculino, possui o grau de licenciatura e formação média de professores e exerce a profissão há 10 anos.

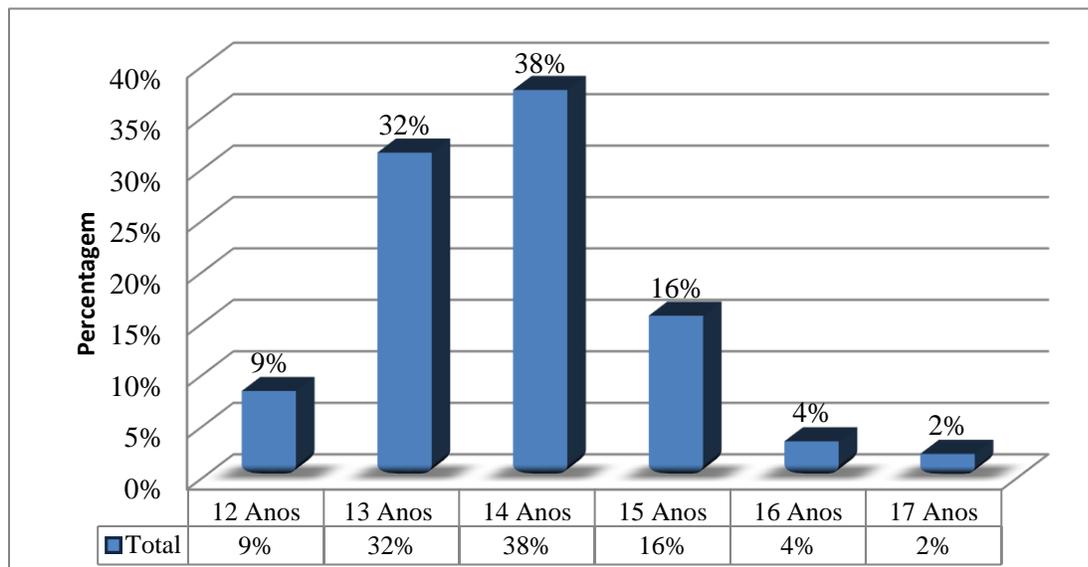
Figura 1: Distribuição dos alunos por sexo



Fonte: Elaborada pela autora

Percebe-se a partir da Figura 1, que a nossa amostra apresenta-se maioritariamente por alunos de sexo feminino, com a percentagem de 59% correspondentes a 48 alunas e 34 são alunos do sexo masculino que correspondem a 41%.

Figura 2: Distribuição de alunos da ECAEG por idade



Fonte: Elaborada pela autora

As idades dos alunos inquiridos estão compreendidas entre 12 e 17 anos; a maior parte dos inquiridos possuem 14 anos, correspondente a 38%; em segundo, os alunos de 13 anos, com a percentagem de 32%; em terceiro, os alunos de 15 anos, correspondente a 16%; em quarto, os alunos de 12 anos, correspondente a 9%; em quinto, os alunos de 16 anos, correspondente a 4% e, por último, os alunos de 17 anos, correspondente a 2%.

3.4. Procedimentos de Pesquisa

Neste estudo foi aplicado como procedimento de pesquisa a análise bibliográfica e o estudo de caso na Escola Comunitária Armando Emílio Guebuza (ECAEG), para discutir os principais factores sociais da violência nas escolas; apresentar a dimensão e a ocorrência da violência na ECAEG, bem como analisar os factores sociais associados a essa violência no controle da violência escolar na Escola Comunitária Armando Emílio Guebuza.

3.4.1. Pesquisa Bibliográfica

De acordo com Silveira e Córdova (2009), a pesquisa bibliográfica, considerada mãe de toda pesquisa, fundamenta-se em fontes bibliográficas; ou seja, os dados são obtidos a partir de fontes escritas, portanto, de uma modalidade específica de documentos, que são obras escritas, impressas em editoras, comercializadas em livrarias e classificadas em bibliotecas.

Ainda para os autores acima citados, a análise bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e electrónicos, como livros, artigos científicos, páginas de web e sites.

No presente estudo, usou-se a análise bibliográfica para aferir informações de estudos publicados, inerentes a violência na escola.

3.4.2. Estudo de Caso

Segundo Yin (2009), citado por Oliveira (2011, p. 27) um estudo de caso é importante por ser “um trabalho empírico que investiga um fenómeno particular com profundidade tendo em conta o contexto social, particularmente, quando as barreiras entre o fenómeno e o contexto não estiverem claramente evidentes”. Para Yin (2009), citado por Oliveira (2011, p. 28) o estudo de caso permite ao investigador reter as características essenciais dos eventos do contexto social, tais como: desempenho escolar, processos organizacionais e de gestão e comportamentos de pequenos grupos.

Neste sentido, a metodologia da pesquisa adoptada abrangeu o contexto escolar, particularmente a direcção da escola e os alunos, com o intuito de colher informações inerentes aos factores da violência escolar na ECAEG, a partir de uma entrevista semi-estruturada, dirigida ao director da escola e um questionário dirigido aos alunos.

3.5. Técnicas de recolha e análise de dados

Quanto as técnicas de recolha de dados neste estudo usou-se a entrevista semi-estruturada e o questionário.

3.5.1. Entrevista Semi-estruturada

A entrevista semi-estruturada que na óptica de Trivinos (1987) a entrevista é uma conversa face a face mediante um plano de perguntas ou tópicos que orientam o entrevistador. Esta técnica é ideal para este tema porque facilita a recolha de informações detalhadas, diante dos alunos sobre as situações da violência, por se realizar na presença do aluno e também e, por conseguinte, dar ao pesquisador a possibilidade de sanar algumas dúvidas em relação a compreensão da pergunta podendo sem dar resposta, explicitar a pergunta feita caso esta não seja compreendida. Se, por um lado, as perguntas podem ser feitas de várias formas criando a possibilidade de conversar com o aluno, por outro, esta técnica não limita o entrevistado, para além de que facilita a obtenção de outras formas. Para o tamanho da nossa amostra a entrevista é mais vantajosa.

3.5.2. Questionário

Neste estudo usou-se o questionário, que para Cervo e Bervian (2002) citados por Oliveira (2011, p. 37) o questionário *“refere-se a um meio de obter respostas às questões por uma fórmula que o próprio informante preenche”*. E de forma idêntica, Marconi & Lakatos (1996) citados por Oliveira (2011, p. 37) definem como *uma “série ordenada de perguntas, respondidas por escrito sem a presença do pesquisador”*. Ele pode conter perguntas abertas e/ou fechadas. As abertas possibilitam respostas mais ricas e variadas e as fechadas maiores facilidades na tabulação e análise dos dados.

O questionário serviu para inquirir os alunos e poder avaliar o seu grau de percepção no que refere-se a violência escolar na Escola Comunitária Armando Emílio Guebuza, com vista a criar uma conformidade como a informação obtida pelo director para poder alcançar os objectivos pré-definidos nesta pesquisa.

Capítulo IV – Apresentação e análise dos dados

4.1. Factores Sociais da Violência Escolar na Escola Comunitária Armando Emílio Guebuza

Neste capítulo fez-se a apresentação dos resultados da pesquisa cujo objectivo é explicar o facto estudado mediante a correlação entre a revisão da literatura e a realidade e, depois, a decisão a tomar em relação as hipóteses, visando garantir o alcance dos objectivos dos traçados.

4.2. Análise dos resultados da entrevista realizada com Director pedagógico da ECAEG

Esta fase do trabalho envolveu a entrevista ao director. Dentre as várias questões, priorizou-se a identificação dos sexos das vítimas de agressão na ECAEG. O mesmo respondeu que as vítimas de agressão são, maioritariamente, do sexo feminino.

De seguida, procurou-se saber quais são os locais, que com mais frequência, ocorrem a violência na ECAEG. O entrevistado explicou que a violência ocorre na sala de aulas e no pátio quando os alunos estão livres.

Posteriormente, pretendeu-se saber que medidas são adoptadas com vista a estancar a violência na ECAEG. O entrevistado afirmou que os infractores são punidos, depois da solicitação da presença dos encarregados de educação. Importa referir que a resposta obtida diverge com a visão de Lara (2001), que defende que diante das situações de violência, se a escola adopta medidas repressivas, ela não soluciona o problema substancialmente a longo prazo. Uma das acções que a escola deve investir é o exercício do bom relacionamento e cultivo da paz no ambiente. Sobre este tema, Guimarães (1996), elucida que, ao lidarmos com questões de violência utilizando medidas exclusivamente punitivas, estaremos a adiar a questão e camuflar seus efeitos, para que mais tarde tudo volte à tona.

Em relação a pergunta, se existem estratégias de prevenção para evitar a violência no meio escolar na ECAEG, a resposta foi afirmativa. A estratégia usada na ECAEG passa pela sensibilização dos alunos, nas reuniões de turma. Deste modo, percebe-se que, a partir da resposta do entrevistado, que a direcção da ECAEG tem a mesma visão que Correia (2007), ao referir que “*Sensibilizar para a necessidade de se discutir o assunto; conscientizar para a*

necessidade de mudar a maneira como a escola trata o assunto, e operacionalizar acções efectivas para diminuir os conflitos e reduzir a violência escolar.’’

Pretendeu-se saber se existem alguns programas de intervenção conjunta como escola segura? Se sim, em que consiste? Nesta questão, o entrevistado afirmou que existem e que consiste em a escola trabalhar em coordenação com a Polícia Comunitária e a Polícia da República. Esta última, às vezes, tem apoiado em material de trabalho.

Quando a questão: no decurso do seu mandato considera que os casos de violências e agressividade na escola aumentaram, diminuíram ou mantiveram? O entrevistado declarou que durante o seu mandato como director os casos de violência diminuíram drasticamente.

Questionou-se se nas reuniões com os encarregados de educação são abordados conteúdos relacionados com violência ou limitam-se em tratar, apenas, de aspectos curriculares? Se sim, quais são os assuntos abordados? O entrevistado afirmou que são abordados conteúdos relacionados com a violência e aspectos curriculares. E os temas em destaque contemplam a corrupção na escola, o assédio sexual e o uso de drogas. Deste modo, nota-se que a ECAEG luta pela transformação do aluno e da própria instituição, a partir do momento que aproveita a presença dos pais nas reuniões para abordar assuntos que ocorrem fora da escola. De referir que essa é a única forma de interacção entre as famílias e a escola tal como nos elucidam, Oliveira e Marinho-Araújo (2010) citados em Vale (2015) ao afirmarem que *“na visão das famílias as interacções estabelecidas com a escola ocorrem nas reuniões de pais convocadas pela escola ou em datas comemorativas, o que ilustra um relacionamento superficial e limitado a situações ‘formais’ organizadas pela escola.’’*

Na questão, se alguns mídias e discursos que circulam na sociedade atribuem à violência que ocorre na escola pública a pessoas que são pobres ou que moram nos bairros periféricos. Qual a sua opinião sobre isso? O entrevistado sustentou a resposta dizendo que dependia, porque muitas das vezes a violência é motivada pelo consumo de drogas e bebidas alcoólicas. Percebe-se, portanto, que o entrevistado partilha da mesma ideia que Milca (2002), citado em Souza (2008), onde defende que a violência nas escolas é apenas consequências de algo que ocorreu anteriormente, quer dizer, os conflitos têm início na sociedade que sofre mudanças constantemente, e seus reflexos são sentidos nas escolas, pois, os indivíduos não são violentos

porque simplesmente o querem. Portanto, a violência escolar constitui o reflexo dos problemas que acontecem no seio da sociedade, no caso concreto o consumo do álcool e drogas por parte de crianças e adolescentes.

4.3. Análise dos resultados dos questionários realizados com os alunos da ECAEG

Tabela 1: Valores numéricos em relação a pergunta: “*Foste vítima de um roubo na escola ou perto da escola nos últimos seis meses?*”

	Frequência Absoluta	Porcentagem (%)
Não	47	57%
Todas as semanas	4	5%
Todos os dias	9	11%
Um ou duas vezes	22	27%
Total Geral	82	100%

Fonte: Elaborada pela autora

Através da leitura da Tabela 1, constatou-se que 47 inquiridos, correspondentes a 57% *não foram vítimas* de um roubo na escola ou perto da escola nos últimos seis meses; 22 inquiridos, equivalentes a 27% foram vítimas *um ou duas vezes*; 9 inquiridos, equivalentes a 11% são *vítimas todos os dias* e apenas 4 inquiridos, correspondentes a 5%, são *vítimas todas as semanas*. Nota-se a partir desta tabela que a maior parte dos inquiridos (57%) *não* foi vítima de roubo nos últimos seis meses.

Tabela 2: Valores numéricos em relação a pergunta: “*Quando te chateiam, insultam e ou agredem, quem são essas pessoas?*”

	Frequência Absoluta	Porcentagem (%)
Colegas de turma	41	50%
Colegas mais velhos da mesma escola	12	15%
Estranhos	25	30%
Vizinhos	4	5%
Total Geral	82	100%

Através da leitura da Tabela 2, verificamos que 41 inquiridos, correspondentes a 50% afirmam que *são chateados, insultados ou agredidos pelos colegas de turma*; 25 inquiridos, equivalentes a 30% afirmam que *são chateados, insultados ou agredidos por estranhos*; 12 inquiridos, equivalentes a 15% indicaram que *são vítimas de colegas mais velhos da mesma escola* e apenas 4 inquiridos, correspondentes a 5%, são *vítimas dos vizinhos*. Nota-se a partir desta tabela que a maior parte dos inquiridos (50%) já foi vítima de *colegas de turma*. Pode-se concluir a partir destes dados que no seio da ECAEG encontra-se mais patente a violência entre colegas, visão essa que vai de encontro com o posicionamento de Abramovay (2010) que defende que “*os alunos se apresentam como principais autores dessa violência e, ao mesmo tempo, como as principais vítimas, seguidos pelos professores, directores e funcionários. Professores e funcionários raramente são autores.*”

Tabela 3: Valores numéricos em relação a pergunta: “*Sentes-te segura/o na tua escola?*”

	Frequência Absoluta	Percentagem (%)
Não	31	38%
Sim	51	62%
Total Geral	82	100%

Fonte: Elaborada pela autora

Apesar da violência ocorrer, maioritariamente, entre alunos na ECAEG, nota-se que maior parte dos inquiridos (62%), equivalentes a 51 alunos *sente-se seguro na escola* e 38% correspondente, a 31 alunos é que *têm uma visão contrária*, tal como nos ilustra a Tabela 3 acima.

Tabela 4: Valores numéricos em relação a pergunta: “*Com quem vives?*”

	Frequência Absoluta	Percentagem (%)
Pai e Mãe	12	15%
Pai	5	6%
Mãe	21	26%
Outros progenitores	44	54%
Total Geral	82	100%

Fonte: Elaborada pela autora

Através da leitura da Tabela 4, podemos notar que 44 inquiridos, correspondentes a 54% afirmam que vivem com *outros progenitores*; 21 inquiridos, equivalentes a 26% afirmam que vivem com *as Mães*; 11 inquiridos, equivalentes a 13% indicaram que vivem com os *Pais (Pai e a Mãe)*; e apenas 5 inquiridos, correspondentes a 6%, afirmaram que vivem com *o pai*. Nota-se a partir desta tabela que a maior parte dos inquiridos (54%) vive com *outros* membros da família, dos quais justificaram ser os avós, tios, irmãos ou outros progenitores. Pode-se concluir a partir destes dados que no seio da ECAEG encontra-se mais patente a muitos alunos que Souza (2008) que sustenta que, “*muitos dos jovens violentos advêm de famílias desestruturadas*”.

Tabela 5: Valores numéricos em relação a pergunta: “*Já sofreste algum tipo de violência na Escola?*”

	Frequência Absoluta	Percentagem (%)
Sim	11	13%
Não	71	87%
Total Geral	82	100%

Fonte: Elaborada pela autora

Nota-se acima (tabela 5), que apesar de maior parte dos alunos (87%) equivalente a 71 inquiridos, *não ter sofrido algum tipo de violência* na ECAEG, existe uma minoria considerável de 11 alunos correspondentes a 13% que declaram ter *sofrido algum tipo de violência* nesta escola. É de salientar que nem todos os alunos da ECAEG foram inquiridos e dos 82 podemos encontrar 11 alunos que sofreram algum tipo de violência, o que nos remete a ideia de que existe mais alunos que tenham passado por algum tipo de violência na ECAEG.

Tabela 6: Valores numéricos em relação a pergunta: “*Em que local da escola foste agredida/o, ameaçada/o e ou insultada/o?*”

	Frequência Absoluta	Porcentagem (%)
Na sala	33	40%
No caminho de casa para escola	4	5%
No recreio ou pátio da escola	6	7%
Nos corredores	3	4%
Nunca fui incomodado	36	44%
Total Geral	82	100%

Fonte: Elaborada pela autora

Nota-se nesta Tabela 6, que 36 inquiridos, correspondentes a 44% *nunca foram incomodados* e 33 inquiridos, correspondentes a 40% afirmam que foram vítimas de violência *na sala de aulas*; 6 inquiridos, correspondentes a 7% afirmam que sofreram algum tipo de violência *no recreio ou pátio da escola*; 4 inquiridos, equivalentes a 5% foram vítimas no *caminho de casa para escola* e, apenas, 3 inquiridos, correspondentes a 4%, já foram vítimas *nos corredores da escola*. Nota-se a partir destes dados que a maior parte (44%) dos inquiridos nunca foi vítima de algum tipo de violência e, de seguida, temos uma margem mínima de diferença que mostra que (40%) já sofreu algum tipo de violência *na sala de aulas*.

Barros (2012) citado por Ferreira (2014), informa que, a violência é um problema social que está presente nas acções dentro das escolas, e se manifesta de diversas formas entre todos os envolvidos no processo educativo. Isso não deveria acontecer, pois escola é lugar de formação da ética e da moral dos sujeitos ali inseridos, sejam eles alunos, professores ou demais funcionários.

Tabela 7: Valores numéricos em relação a pergunta: “*Os professores e outros adultos da escola, separam os alunos quando há uma situação de violência, brigas e ou bullying?*”

	Frequência Absoluta	Porcentagem (%)
Frequentemente	3	4%
Nunca	6	7%
Por vezes	27	33%
Quase nunca	8	10%
Sempre	38	46%
Total Geral	82	100%

Fonte: Elaborada pela autora

Na Tabela 7, 38 inquiridos, correspondentes a 46% defendem que os professores e outros adultos da escola, *sempre* separam os alunos quando há uma situação de violência, brigas e ou *bullying*; 27 inquiridos, equivalentes a 33% defendem que *por vezes* os professores e outros adultos da escola, separam os alunos quando há uma situação de violência, brigas e ou *bullying*; 8 inquiridos, equivalentes a 10% são *quase nunca*; 6 inquiridos, correspondentes a 7% *nunca* e, apenas, 3 inquiridos, correspondentes a 4%, defende que *frequentemente* os professores e outros adultos da escola, separam os alunos quando há uma situação de violência, brigas e ou *bullying*.

Nota-se a partir desta Tabela 7, que a maior parte dos inquiridos (46%) defendem que os professores e outros adultos da escola, *sempre* separam os alunos quando há uma situação de violência, brigas e ou *bullying*. Atitude essa que vai de encontro com a visão de Priotto e Boneti (2008, p. 177) que defendem que a violência nas escolas surge de problemas que acometem o dia-a-dia da escola, muitos, não podem ser resolvidos, sem que se busque por soluções colectivamente. Ou seja, faz-se necessário à presença e a participação efectiva de professores, funcionários, pais, alunos, direcção e líderes da comunidade nas discussões acerca dos caminhos a serem traçados na solução destes problemas.

4.4. Sumário

Neste ponto foi efectuada a análise e a discussão dos resultados da entrevista feita ao Director pedagógico e dos questionários feitos aos alunos, com intenção de estudar os comportamentos da escola e dos alunos, para de seguida poder aferir quais são os factores sociais associados a violência na ECAEG e assim responder à questão do problema. Apuramos que os resultados confirmam as hipóteses, há vítimas e agressores na ECAEG, sendo a sala de aulas o local onde estas práticas são mais frequentes. Verificamos também que existem mais vítimas e agressores do sexo masculino. Entendemos que, perante tais resultados, a escola deve identificar as vítimas, identificar os agressores e promover o acompanhamento que ambos necessitam para que a escola seja considerada um lugar seguro para todos os que a frequentam.

Resumidamente, pode-se afirmar que, em termos de factores sociais associados a violência na ECAEG, os factores externos quais sejam: condições socioeconómicas e culturais, envolvendo situações de famílias expostas à violência nas comunidades; pressão dos grupos de referência (amigos e/ou outros indivíduos influentes na comunidade) são os factores mais frequentes associados a violência na ECAEG, visto que maioritariamente as agressões são feitas entre colegas de turma e nas salas de aulas. Isso se dá pelo facto dos grupos familiares estarem cada vez mais desagregados, abrindo-se um vazio que será preenchido por estes grupos formados a partir de interesses e motivações diversas. Portanto, Reduit (2005, p. 154) defende que esses grupos de amigos fomentam a violência no recinto escolar sob ideia de chamar os amigos como um recurso de defesa em casos de contendas, e reforça a ideia de que se deve ter atenção para com as práticas construídas no interior dos grupos de amigos/referência.

A partir dessa concepção de que a sociedade, a família e a escola são responsáveis pela formação dos indivíduos, essas esferas podem trabalhar juntas a fim de contribuírem para acções preventivas da violência. A escola pode trazer a família e a sociedade para se unirem a ela.

Capítulo V - Conclusões e Recomendações

5.1. Conclusões

Quando nos propusemos a analisar os factores sociais associados a violência escolar na ECAEG, nos deparamos com o desafio de observarmos os dados de maneira imparcial. Os nossos objectivos foram alcançados uma vez que, por meio do método utilizado, conseguimos compreender mais a respeito dos factores sociais como um dos agentes impulsionadores da violência escolar.

Os resultados da pesquisa permitem concluir que o índice de violência na ECAEG tem reduzido nos últimos anos e foi possível apurar que, muitos dos alunos são oriundos de famílias carentes que sofreram algum tipo de desestruturação, ou seja, não vivem ambos com os seus progenitores; existem alunos que vivem com os avós, tios ou com um dos progenitores. Os motivos apurados são vários, inclui a separação dos pais (divórcio), a morte de um ou ambos, a violência sofrida com o padrasto ou madrasta entre outros motivos e tira-os algum valor moral, e essa situação reflecte-se no meio social ou na escola, onde agrava-se com o consumo de bebidas alcoólicas, drogas e formação de *gangs* e culmina na formação de um aluno intolerante, agressivo com os seus pares. A libertinagem tem-se mostrado como uma das causas do desvio de comportamento destes alunos, pois eles querem se afirmar como donos das suas próprias vidas, não permitem que os adultos regulem. Assim, concluímos que a primeira hipótese é válida, uma vez que podemos considerar a partir deste estudo que *a violência escolar é uma questão social*.

Na ECAEG, a manifestação da violência é vista como associado ao ambiente extra-escolar, o qual promove transformações e influencia de maneira negativa, nas relações intra-escolares, pois nesse espaço, se manifestam os conflitos, os quais são reflexos dos problemas que acontecem no seio da sociedade, inclusive na família, pois muitos dos jovens violentos advêm de famílias desestruturadas, se considerarmos que a família é a base da sociedade. Neste caso, conclui-se que a segunda hipótese é válida, pois o estudo mostra-nos que *os conflitos no seio familiar explicam as causas da violência escolar por parte dos alunos*.

Terminamos afirmando que é possível eliminar a violência escolar, mas passa, necessariamente, pela introdução de programas curriculares que proporcionem ao aluno a capacidade de reflexão pois se a violência nasce na mente dos alunos, também nelas se pode e deve construir a paz.

5.2. Recomendações

Ao longo da investigação analisamos as possíveis soluções para minimizar a questão ligada a violência escolar, é preciso ter em consideração que não são soluções esgotadas, essas possíveis soluções passam necessariamente, antes de tanto, ter em conta a realidade e o meio em que está inserida a escola, para o caso da Escola Comunitária Armando Emílio Guebuza onde incidiu a pesquisa recomenda-se o seguinte:

- Incentivar e propiciar a interdisciplinaridade, enfocando temas como violência, sexo, drogas, desemprego e outros;
- Promover o diálogo, comunicação, tanto entre alunos, professores e funcionários da escola, quanto entre escola e comunidade;
- Buscar um encontro entre a escola, família, comunidade e instituições públicas responsáveis pela protecção e orientação dos alunos;
- Criar uma disciplina bem definida na rotina escolar com vista a minimizar actos violentos na escola;
- Estabelecer informação de todas as formas (seminários, encontros, palestras, depoimentos) sobre a temática violência.

Referências Bibliográficas

- Abramovay, M. (2010). *O bê-á-bá da intolerância e da discriminação*. UNICEF.
- _____. (2009). *Programa de prevenção à violência nas escolas violências nas escolas*. Flacso.
- Abramovay, M. & Rua, M. (2003). *Violência nas Escolas*. Brasília. UNESCO.
- Andrade, J. P. L. (2009). *Influência das condições sociais e familiares no desempenho escolar*. Maputo: UEM-FLCS.
- Carreira, D.B.X. (2007). *Violência nas escolas: Qual é o papel da gestão?* Brasília. UCB.
- Charlot, B. (2002). *A violência na Escola*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Costa, M. (1992). *Violência Social*. 2ª ed. Coimbra. Almeida.
- Ferreira, S.R. (2014). *Dificuldades encontradas na sala de aula do 1º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Professor Dubas em Luís Gomes*. RN.
- Guimarães, A.M. (1996). *A dinâmica da violência escolar: Conflito e ambiguidade*. Campinas/SP: Editora: Autores Associados.
- Hora, D.(1998). *Gestão Democrática da escola*. São Paulo: Papirus.
- Jenny, C. (2007). *O bullying a Construção Social da Realidade*. 24ª Ed. Perpolis; Vozes.
- Lazarine, M. (2011). *Violência Escolar: a actuação do gestor como factor preponderante para minimizar os riscos*. Rio de Janeiro. Três Rios.
- Maria et al (2003). *Violência e agressão no seio escolar* . 2º Vol., Porto: Afrontamento.
- Moré, C.L.O & krenkel, S. (2014). *Violência no Contexto Familiar*. Florianópolis. UFSC
- Oliveira, M.F. (2011). *Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em administração*. Goiás. CATALÃO-GO.
- Oliveira. A (Org). (1997) *Gestão Democrática da educação: desafios contemporâneos*. Petrópolis: Vozes.
- Organização Mundial da Saúde (1998). *A violência nas comunidades carentes*. Paris: UNESCO.
- Paro, V. H. (2004). *Gestão democrática da escola pública*. São Paulo. Ática.

- Porto e Teixeira1998) *A violência e desordem*. Coimbra. Almeida.
- Pirotto, E.P. & Boneti, L.W. (2008). *Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola*. São Paulo. UNIOESTE e PICPR.
- Rosa, M.J.A. (2010). *Violência no Ambiente Escolar: Reflectindo Sobre as Consequências Para o Processo Ensino Aprendizagem*. Itabaiana: GEPIADDE.
- Ruduit, S.R. (2005). *Violência Interpessoal Discente no Espaço Escolar: Estudo de Caso em Alvorada*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre. Brasil.
- Silveira, D & Córdova, F. (2009). *Pesquisa científica*. In Gerhardt, T e Silveira, D. (Orgs.). (2009). *Métodos de Pesquisa*. Rio Grande do Sul: UFRGS.
- Souza, M.R. (2008). *Violência nas escolas: causas e consequências*. Goiânia. Aparecida de Goiânia.
- Vale, C.A. (2015). *Significados e implicações da violência escolar: Dissonâncias e consonâncias nas percepções das famílias e da escola*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa, Minas Gerais, Brasil.
- Velez, M.F.P. (2010). *Indisciplina e violência na escola: Factores de risco – um estudo com alunos do 8º e 10º ano de escolaridade*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de Lisboa - Instituto de Educação, Lisboa, Portugal.

Sites da internet:

www.conceitodaviolenciaescolar

www.Educação.sp.gov.br/faq.as

www.infoescola.com/educacao/conselho-escolar

APÊNDICE

Apêndice I: Inquérito dirigido ao Director pedagógico da escola

1 Início de funções como Director?

2- Já tomou conhecimento de algum caso de violência na escola, durante o seu mandato?

Sim

Não

3- Indique numa escala de 1 a 5 para cada ano de escolaridade o grau de incidência (o 1 representa uma menor incidência e o 5 uma maior incidência)

4- Qual o tipo de violência mais frequente, da qual tem conhecimento?

5- Quais os locais onde ocorreram?

6- As vítimas de agressão foram maioritariamente do sexo masculino ou feminino?

7- Os agressores foram maioritariamente do sexo masculino ou feminino?

8- Quais as medidas adoptadas?

9- Existem estratégias de prevenção para evitar a violência no meio escolar?

10- Existem alguns programas de intervenção conjunta como escola segura? Em que consiste?

11- No decurso do seu mandato considera que os casos de violências e agressividade na escola aumentaram, diminuíram ou mantiveram?

12. Ressalta-se que a famílias tanto dos alunos bons quanto dos alunos que apresentam problemas de comportamento só vão à escola para reunião de pais ou quando são chamadas, existindo um distanciamento das famílias com respeito às escolas.

Questiona-se sobre o distanciamento da família, se as escolas só oferecem a reunião de pais como momento de contacto e, mesmo assim, porque esta é obrigatória e deve constar no calendário escolar. Logo são feitas trimestralmente, coincidindo com o fecho dos trimestres

lectivos, dando ênfase a entrega das “notas” relativas ao aproveitamento escolar do aluno e reclamações sobre o seu comportamento na escola.

12.1. Nas reuniões com os encarregados de educação são abordados conteúdos relacionados com violência ou limitam-se em tratar apenas de aspectos curriculares?

a) Se sim, quais são os assuntos abordados?

b) Se não, porquê não são abordados sabendo que esse tema é de extrema relevância para a escola e para a sociedade?

13. Alguns mídias e discursos que circulam na sociedade atribuem à violência que ocorre na escola pública a pessoas que são pobres ou que moram nos bairros periféricos. Qual a sua opinião sobre isso?

Apêndice II: Inquérito dirigido aos alunos da Escola sobre a violência e agressividade no meio escolar

1- Qual é sua idade?

2- Em que ciclo andas?

3- Gostas da tua escola?

Gosto muito

Gosto

Não gosto

4- Já assististe a situações de violência na tua escola?

Sim Não

5- Se respondeste SIM á questão anterior, quem participou nessas situações de violência?

Alunos

Alunos professores

Alunos e assistentes Operacionais

Alunos e pais

Alunos e pessoas estranhas

6- Já ouviste falar em Bullying?

Sim Não

7- Foste vítima de bullying na escola nos últimos seis meses?

Não

Um ou duas vezes

Todas as semanas

Todos os dias

8- Chamaram-te nomes feios, insultaram-te ou troçaram de ti nos últimos seis meses?

Não

Um ou duas vezes

Todas as semanas

Todos os dias

9- Os teus colegas agrediram-te, bateram-te, fecharam-te na sala ou noutro local da escola nos últimos seis meses?

Não

Um ou duas vezes

Todas as semanas

Todos os dias

10- Os teus colegas contam mentiras a teu respeito, para que os outros não gostem de ti?

Não

Um ou duas vezes

Todas as semanas

Todos os dias

11- Foste vítima de um roubo na escola ou perto da escola nos últimos seis meses?

Não

Um ou duas vezes

Todas as semanas

Todos os dias

12- Algum ou alguns colegas de escola te ameaçaram e ou forçaram a fazer coisas contra a tua vontade?

Não

Um ou duas vezes

Todas as semanas

Todos os dias

13- Quando te chateiam, insultam e ou agredem, quantas pessoas fazem?

Nunca me incomodaram

Uma pessoa

Um grupo de 2 a 3 pessoas

Vários grupos de pessoas

14- As pessoas que te agrediram, insultaram e ou chatearam são rapazes ou raparigas?

Uma rapariga

Várias raparigas

Um rapaz

Vários rapazes

Várias raparigas e rapazes

15- Quando te chateiam, insultam e ou agredem, quem são essas pessoas?

Colegas de turma

Colegas mais velhos da mesma escola

Vizinhos

Estranhos

16- Sentes-te segura/o na tua escola?

Sim Não

17- Já sofreste algum tipo de violência na Escola?

Sim Não

a) Se sim, qual?

18- Com quem vives?

Pai e Mãe

Pai

Mãe

Outros progenitores

a) Caso tenha colocado a opção outros progenitores, quem são?

19- Em que local da escola foste agredida/o, ameaçada/o e ou insultada/o?

- Nunca fui incomodado
- Não
- No recreio e ou pátio de jogos
- Na sala
- Nos corredores
- No caminho de e para escola

20- Disseste alguém que foste vítima na escola?

- Nunca foi vítima
- Não contei ninguém
- Fui vítima e contei alguém

21- A quem contaste?

- Professora ou professor
- Mãe e ou pai
- Amiga ou amigo
- Familiar adulto
- A ninguém

22- Os professores e outros adultos da escola, separam os alunos quando há uma situação de violência, brigas e ou bullying?

- Sempre
- Frequentemente
- Por vezes
- Quase nunca
- Nunca

23- Os alunos ajudam outras vítimas de bullying?

- Sempre
- Frequentemente
- Por vezes
- Quase nunca

24- Já maltrataste alguém na escola?

Nunca

Umhas vezes

Duas ou três vezes

Todas as semanas

Todos os dias

25- Algumas vezes chamaste nomes, humilhante e bateste a um ou uma colega?

Nunca

Uma vez

Todas as semanas

Todos os dias